JORNAL DO BRASIL
Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL
M. F. DO NASCIMENTO BRITO, Presidente
WILSON FIGUEIREDO, Vice-Presidente

REDAÇÃO
FRITZ UTZERI, Diretor de Redação
MAURICIO DIAS, Editor
FABIO DUPIN, Editor Adjunto
LUTERO SOARES, Secretário de Redação

Crédito Flexível

Quando aborda questões internas, que tratam do quotidiano ou de temas burocráticos, o presidente Fernando Henrique dá claros sinais de inapetência para a rotina do poder. Mas sempre que participa de fóruns internacionais nos quais são discutidos problemas geopolíticos, desponta a excelência de sua formação acadêmica e o evidente gosto pelo exercício da liderança continental. Ao discursar na solenidade de abertura da VI Cúpula Econômica do Mercosul, promovida pelo Fórum Econômico Mundial, no Rio, Fernando Henrique falou com propriedade sobre a relação dos países com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e mostrou mais uma vez que esse é o cenário onde se sente à vontade.

Ao propor mudanças nos critérios contábeis do FMI, o presidente da República expôs preocupação comum a todos os países que se endividam com instituições multilaterais de crédito. Para Fernando Henrique, o critério usado pelo FMI "está sufocando gravemente a capacidade do governo federal de atuar na área de saneamento". Hoje, mesmo que um empréstimo seja parcelado em 30 anos, o Fundo o contabiliza pelo total, esgotando rapidamente os limites de crédito dos países necessitados. O ideal, na opinião do presidente, é que o FMI modifique seus cálculos de forma que a contabilidade considere apenas o valor sacado a cada ano, e não a totalidade do empréstimo no ano em que foi aprovado. "Se queremos o desenvolvimento sustentado, tanto no plano mais geral, por exemplo o meio ambiente, como no social, nós teremos que rever certas políticas macroeconômicas e certas visões que se tem", advertiu.

A sugestão do presidente Fernando Henrique não poderia ter sido mais oportuna. Enquanto o presidente exigia maior flexibilidade contábil do FMI, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) divulgou relatório em Washington, mostrando que a América Latina, com US$ 3.700, detém a terceira pior renda *per capita* do mundo, à frente apenas da África (US$ 1.500) e de países da Ásia, excluído o Sudeste (US$ 3.500). A instituição reconhece avanços estruturais na região, mas afirma que a América Latina entra no século XXI com ritmo de crescimento econômico modesto, se comparado aos padrões mundiais. Ao comentar o relatório, o presidente do BID, Enrique Iglesias, afirmou que, sem crescimento vigoroso, as metas de redução da pobreza não serão alcançadas.

Iglesias está certo: o crescimento é o único caminho para reduzir as desigualdades e aumentar a renda dos países latino-americanos. Dificilmente, porém, esses mesmos países terão condições de se desenvolver com as próprias forças. Resta esperar que o recado de Fernando Henrique sensibilize os responsáveis por organismos multilaterais como o FMI e o próprio BID. Já é tempo de mudar os critérios do crédito internacional, que deve se constituir em mecanismo de riqueza e progresso, e não em fator de recessão e empobrecimento.

Gado Ameaçado

O Estado do Rio tem menos de uma semana para cuidar de um de seus problemas mais sérios, no momento. A partir de segunda-feira, dia 15, durante seis dias o Ministério da Agricultura fará uma auditoria que ou libera as divisas fluminenses com os estados vizinhos, para seu gado bovino (para ficarmos só com o mais importante e nem falarmos nos gados ovino, caprino ou suíno), ou vai fechá-las e o Estado do Rio continuará a ser considerado de alto risco quanto ao comércio de carne.

A situação é mais grave do que parece à primeira vista. Inicialmente, pelo enorme prejuízo que o Rio de Janeiro causará a si mesmo, por inapetência para um trabalho sério no sentido de erradicar a febre aftosa ou mesmo por incompetência. Em segundo lugar, pelo prejuízo que causará a todo o país, pois se o Estado do Rio não adotar já as medidas de combate à febre aftosa de seu gado, o Brasil estará fora das normas exigidas pela Organização Mundial de Comércio (OMC) e não poderá se tornar grande exportador de produtos animais – como a Argentina, por exemplo, já se tornou, com a erradicação total da aftosa.

Neste exato momento o Estado do Rio parece ter acordado, porque tem um secretário de Agricultura disposto a trabalhar (quando foi prefeito de Resende, Noel de Carvalho sacudiu a cidade de muitos anos de torpor e a preparou para o surto de progresso que agora faz dela e da região um dos pólos da indústria automobilística nacional). Está em curso, sob o comando do secretário, uma corrida contra o tempo que o estado precisa ganhar. Mas nem a chefia do Serviço de Saúde Animal do Ministério da Agricultura para o Estado do Rio nem os maiores pecuaristas fluminenses parecem acreditar no sucesso dessa corrida, diante dos anos de descaso em relação ao setor.

Descaso que chegou ao cúmulo com a descoberta, em Campos – terra do governador –, num frigorífico que carrega ironicamente o nome de Boa Morte, de carne bovina com tuberculose. E nem foi a relapsa fiscalização estadual que localizou a carne doente, como era de sua obrigação. Não fosse a fiscalização do Ministério da Agricultura e alguém estaria consumindo agora a carne infectada com tuberculose.

O Estado do Rio não tem grande rebanho, em números. Mas tem tradição de boa qualidade genética de seu gado, através de uma seleção de 200 anos. Um dos grandes pecuaristas fluminenses, do município de Casimiro de Abreu, já exportou matrizes genéticas para vários países da América do Sul. Que essa tradição não se perca é o objetivo imediato da atual luta contra o tempo, no estado. Mas nem só tradição o estado perderá, se não ganhar a corrida em que se empenha: perderá uma riqueza, pois não poderá exportar mais nada nesse setor, e, segundo aquele grande criador, a pecuária aqui estará ameaçada até mesmo de falência, o que seria trágico. O governo fluminense mostrará agora se sabe enfrentar uma crise ou não.

Medo de Voar

Quase um século depois da proeza de Santos Dumont, em Paris, a situação dos inventores brasileiros não evoluiu em nada. É o que se demonstra com a aventura do inventor Reginaldo Marinho que, não reconhecido no Brasil, conquistou em Genebra medalha de ouro no Salão Internacional de Invenções da Europa, obteve apoio financeiro para trabalhar na Suíça e propostas de quatro empresas européias para transformar em tecnologia seu método revolucionário de construção celular.

O método de Reginaldo propõe estruturas de plástico como alternativa econômica e racional para construções, conforme se viu na reportagem publicada domingo no **JORNAL DO BRASIL**. Assim, poderão ser construídos edifícios, casas e instalações esportivas e industriais sem as estruturas até aqui usadas em todo o mundo: as convencionais estruturas metálicas, de cimento armado ou de madeira. As estruturas de plástico propostas por ele seriam alternativa mais econômica e racional, evitando desperdício de material. Levam-se para a obra só as peças que serão utilizadas. Como exemplo, armazéns, silos, hangares, ginásios, edifícios e casas populares custariam 30% a menos que as construções com estruturas convencionais.

O inventor, agora bafejado pela compreensão européia, falou com ressentimento sobre as tentativas de viabilizar sua invenção no Brasil, onde, de acordo com citação de Osvaldo Aranha, "nada se cria e tudo se copia". De fato, nos últimos cinco anos, o Brasil aumentou oito vezes os gastos com importação de tecnologia. Há, no Brasil, segundo Reginaldo, milhares de pesquisadores e inventores em atividade, isolados, sem apoio governamental, "financiando-se com os próprios recursos". Muitas descobertas e invenções brasileiras são expropriadas e exploradas indevidamente por empresas e grupos internacionais, sem reação de protesto.

Cita-se como exemplo a invenção do bina, instrumento identificador de chamados, encontrado nos telefones celulares e convencionais, movimentando 8 bilhões de dólares em todo o mundo. Pois o bina, segundo lembra Reginaldo, foi descoberto, produzido e patenteado no Brasil por Nélio Nicolai, inventor brasileiro, vítima da falta de organismos preparados para proteger a patente nacional.

A situação histórica de Santos Dumont pelo menos progrediu em alguma coisa, agora que um historiador americano, Paul Hoffman, mergulhado na redação de uma biografia definitiva (*Asas da loucura*), poderá concluir, se for o caso, pela primazia de sua aventura sobre a dos irmãos Wright. Pelo menos, admite o americano, por enquanto as pesquisas apontam Santos Dumont como o primeiro a voar em público.

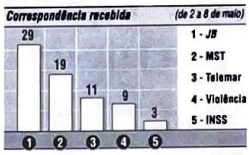
Em matéria de invenções, os brasileiros ainda têm medo de voar.

IQUE

ique@domain.com.br

A OPINIÃO DOS LEITORES

Os temas da semana



Frase do leitor:

"Tem sido muito fácil fazer política no Brasil: o ônus sempre recai sobre a sociedade".

Jackson Luiz Santos Vasconcelos, sobre o comportamento de governantes e próceres partidários.

Elites

No Brasil das elites (e de presidente fazendeiro), distribuição de renda, aumento salarial, reforma agrária etc., só em ritmo lento, gradual, quase parando. Quando um movimento social tarimbado (MST) resolve dar um basta nessa hipocrisia, é "baderna, arruaça, atentado às instituições". Jornalismo independente também é fundamental à construção democrática. **Emanuel Medeiros – Rio de Janeiro.**

Drogas

O governador Garotinho fez um estardalhaço na imprensa quando da descoberta de que o documentarista João Moreira Salles dava mesada para o traficante Marcinho VP escrever um livro. Agora, estarrecido, vejo chegar às bancas um livro da socialite Narcisa Tamborindeguy, em que a "escritora" afirma que "comprar drogas no Rio é muito fácil. Basta dar um telefonema e é entregue em casa. É a *delivery* cocaína." Por que essa senhora não é chamada a explicar que telefones são esses e a quem pertencem? **Guilherme Lukas – Rio de Janeiro.**

Pedágio

O cálculo dos valores dos pedágios nas rodovias privatizadas inclui, além dos custos de operação e manutenção, acrescidos de margem de lucros, uma parcela de apropriação sobre possíveis ganhos de usuários. A principal justificativa para a privatização das rodovias era a incapacidade do Estado de investir na sua recuperação. As concessões estão servindo para o enriquecimento de grupos empresariais a custo e dano de toda a população. Só esse sistema de cálculo explica os valores cobrados na Via Lagos, por exemplo. Não é pelo serviço prestado e sim a transferência direta de renda. Não é à toa que a Rodovia Amaral Paixoto é mantida em condições precárias, cheia de lombadas e pardais. Turistas e moradores da região vêm sendo submetidos a um verdadeiro processo de extorsão. **Ivan M. Cascardo – Rio de Janeiro.**

Poluição

O novo sistema municipal de licenciamento de atividades poluidoras é uma criação óbvia para o prefeito terminar suas obras irregulares, já que a Feema atrapalha muito. Espero que os nossos vereadores não permitam esse absurdo que, além do mais, é inconstitucional. **Mauro Torres Ribeiro – Rio de Janeiro.**

Dívida

O prefeito renegociou a dívida, dizendo não ser o responsável pelo crescimento do endividamento da prefeitura. O próprio *site* da Secretaria Municipal de Fazenda (www.rio.rj.gov.br/smf) revela que em janeiro de 1997 a dívida da prefeitura era de R$ 2 bilhões. Neste momento, a dívida já alcança o valor de R$ 4,1 bilhões. Portanto, a dívida mais do que dobrou na atual administração municipal. **Lúcia Vargas do Amaral Cavalcanti – Rio de Janeiro.**

Parque do Flamengo

Em relação a reportagem publicada no **JB** de domingo sobre a luta pela preservação do Parque do Flamengo, o Grupo Reconstrução Flamengo vem esclarecer que o abaixo-assinado é contra a possibilidade de construção de estacionamento e de um complexo de bares e restaurantes no local. Nossa preocupação faz sentido desde o momento em que o superintendente do Iphan, José Pessoa, diz que o Porcão Rio's transformou uma área original do jardim projetado por Burle Marx em um estacionamento. É importante lembrar que o Parque do Flamengo já tem vários estacionamentos. Acreditamos desnecessária a construção de um outro estacionamento. Achamos necessária e vital a revitalização do Parque do Flamengo e também a conclusão do projeto de Burle Marx, com a construção de um aquário público municipal. **Luiz Claudio Bentes, coordenador do Grupo Reconstrução Flamengo – Rio de Janeiro.**

Calçadas

Decreto municipal que prevê multas a respeito de calçadas traz à baila importante tema. As prefeituras, câmaras de vereadores, planos diretores de hoje ou de ontem, atendendo ao interesse de bares e restaurantes, permitem que se coloquem mesas e cadeiras nas calçadas, privatizando o mais público dos direitos: o de ir e vir. É um absurdo! Ao submeterem à exploração econômica de uns poucos o espaço que é por direito natural de todos, estão sendo incivilizados. Depois não reclamem se criarem o MSC: movimento dos sem-calçada. **Luiz Eduardo Silva Cerqueira – Rio de Janeiro.**

PM

Madrugada de sábado, havia uma baderna próximo de onde moro, provocada por jovens com música em alto volume e letra não apropriada. Solicitei providências à Polícia Militar. Para minha surpresa, a atendente, tenente Ana, informou-me de que eu deveria receber a viatura da polícia. Como alguém em sã consciência, em uma cidade com segurança quase nula como a nossa, vai se expor dessa maneira? Fico pensando como seria numa situação mais grave. Não vejo explicação para tal atitude da PM. A baderna se prolongou por mais de uma hora. **Sérgio Cunha – Rio de Janeiro.**

INSS

Em 14/9/99, dei entrada, no posto do INSS da Praça Seca, em Jacarepaguá, no processo (nº 114.494.032-7) de pensão alimentícia relativo ao falecimento de meu companheiro – Romildo Cavalcante Bacalhau –, ocorrido em julho do ano passado. Já cumpri com todas as exigências que me foram solicitadas e toda vez que volto ao posto a resposta é sempre a mesma: ainda não foi liberada. Já não tenho condições financeiras para suportar as despesas com alimentação, remédios, condomínio, luz, gás, passagens, escola do meu filho. Estou sobrevivendo graças a doações recebidas de amigos que sabem de minha situação. **Maria do Carmo Ferreira Soares – Rio de Janeiro.**

Correção

Diferentemente do que publicou o caderno *Esportes* da edição de ontem, o atleta Thiago Santos Sodré, da Escola Naval, não superou com facilidade o atleta Raphael de Souza Andrade, do Botafogo, no skiff estreante da regata disputada domingo na Lagoa Rodrigo de Freitas. A prova foi decidida no *photo finish*.

Correspondência para esta seção: Avenida Brasil nº 500, 6º andar CEP 20949-900, Rio de Janeiro, RJ. Fax 021-574-4858.

As cartas, e-mails e fax serão selecionados para publicação, no todo ou em parte, entre os que tiverem assinatura, nome completo legível e endereço que permita prévia confirmação. Pede-se aos leitores a gentileza de redigirem textos com 15 linhas, no máximo.

e-mail: cartas@jb.com.br